

# **Antagonismo e propaganda eleitoral: os discursos de PSDB e PT na eleição de 2002**

**Felipe Corral de Freitas**

Universidade Federal de Pelotas, Brasil  
felipecorrall@gmail.com

## **Introdução**

A relação política/institucional entre os integrantes do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Partido dos Trabalhadores (PT) teve início antes mesmo do PSDB ser fundado em 1988, quando seus integrantes ainda eram ligados ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). No período do processo de “redemocratização” e durante a Assembleia Nacional Constituinte (ANC), que originaria a Constituição de 1988, os integrantes de ambos os partidos tiveram posições semelhantes em relação às questões que permeavam ambos os momentos políticos. Entre os diversos pontos que eclodiram nesses contextos relacionados, discordavam da forma como a transição vinha sendo conduzida pela elite política brasileira, e do tempo de permanência do chefe do executivo em seu cargo – defendiam o mandato de quatro anos. Em 1989, durante as eleições daquele ano,

as figuras de Luz Inácio Lula da Silva (doravante Lula) (PT) e de Fernando Henrique Cardoso (doravante FHC) (PSDB) “apareceram lado-a-lado”, quando FHC declarou apoio a Lula no segundo turno da eleição presidencial de 1989. Então, até esse contexto – das eleições de 1989 – existia certa aproximação política/ideológica entre os integrantes do PSDB e do PT<sup>1</sup>.

Com o afastamento de Fernando Collor de Melo (PRN)<sup>2</sup>, em 1992, e com a posse de Itamar Franco (PMDB) após o *impeachment* do então Presidente afastado, em 1993, Lula (e o PT) e FHC (e o PSDB) foram convidados a compor o “novo” governo que tomava posse. Apenas FHC (e, com isso, o PSDB) aceitou o convite, assumindo, primeiramente, em 1993, o Ministério das Relações Internacionais, e, em 1994, o Ministério da Fazenda.

Com isso, a relação antagônica entre PSDB e PT teve início nas eleições de 1994 (FREITAS, 2018) e se estendeu para todos os níveis da política institucional. Esse primeiro antagonismo, como identificado por Freitas, ficou evidenciado durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). A mesma relação antagônica ocorreu na eleição de 1998. Por mais que alguns trabalhos questionem a importância do HGPE em suas diversas dimensões, como, por exemplo, não sendo uma fonte “privilegiada” de informação ou como sendo “colonizado” pela vontade da grande mídia (MIGUEL, 1999, 2000, 2002, 2003, 2004a, 2004b; BIROLI, MIGUEL, 2013), entendemos que a relação criada nesse espaço entre os candidatos, os partidos e as candidaturas em si, desempenham um papel no sentido de disputa política antagônica possibilitando um maior acesso informativo para

---

1. Como o objetivo neste texto não é o de fazer uma exegese sobre as origens do PSDB e do PT, ver Roma (2002) e Guiot (2006), para o PSDB, e Amaral (2003) e Garcia (2012), para o PT.

2. Partido da Renovação Nacional (PRN).

o eleitor<sup>3</sup>, tendo em vista a relação de construção e de desconstrução de informações transmitidas por cada candidatura<sup>4</sup>.

Neste sentido, entendemos que a teoria do discurso desenvolvida por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015 [1985]), e sobremaneira a estrutura conceitual que envolve a noção e o próprio conceito de antagonismo, desenvolvido pelos autores e incrementado por Laclau em outros trabalhos (2000 [1990]; 2011 [1996]; 2013 [2005]; 2014 [2014]), possibilita um renovado olhar tanto teórico como metodológico em casos empíricos que abordem o HGPE. Em se tratando de um tempo passado, como a eleição presidencial de 2002, uma leitura a partir da teoria do discurso de modo geral, e de modo específico do conceito de antagonismo, evidencia, além dos aspectos apontados por Freitas (2018) – que pouca ou nenhuma atenção foi dada pelos estudos que envolvem o HGPE à dimensão antagonica em eleições majoritárias e que estudos que abordam o HGPE por essa perspectiva iluminam mais um dos aspectos referentes à tomada de decisão do voto por parte do eleitor, visto seu caráter desconstrutivista –, a importância da dimensão do conflito político e do antagonismo para estudos que tratem de instituições democráticas. Dito de outra forma,

---

3. Os dados atuais sobre o acesso e a utilização de mídia no Brasil podem ser encontrados na página da “Pesquisa de Mídia”. Lá pode ser verificado que a televisão ainda é o meio midiático mais citada em se tratando de informação. Disponível em: [pesquisademidia.gov.br](http://pesquisademidia.gov.br). Acesso: 05 de set/2018. Em se tratando da importância do HGPE e de sua relevância e audiência, ver Albuquerque (1995), Machado (2009) e Dias (2013).

4. No caso brasileiro podemos identificar os estudos de Lourenço (2009) e Borba (2015) abordando a construção negativa das candidaturas como sendo um dos caminhos de comunicação direta entre e de desconstrução entre as candidaturas. Além disso, os estudos de Machado (2009) e Dias (2013) indicam a capacidade de um candidato, partido e candidatura romperem com a tentativa de colonização dos grandes meios de comunicação e intervirem de forma direta numa eleição. Para mais e outras informações, ver Rubim (1993), Lattman-Weltman, Carneiro e Ramos (1994), Albuquerque (1996), Aruguet (2005), Cervi, Massuchin e Tavares (2012), apenas para citar alguns.

o conflito emergente dentro de instituições democráticas (ou que compõem o sistema democrático, como é o caso do HGPE) indicam um caminho mais profícuo sobre o que se entende por democracia e suas instituições, enaltece relações conflituosas e antagônicas ao invés de consensos de base.

O objetivo deste artigo, então, consiste em identificar as formações dos discursos produzidos pelas candidaturas de PSDB e PT realizados durante o HGPE veiculados pela televisão na eleição presidencial de 2002, a partir das disputas de sentidos e de sua construção antagônica. A dimensão do antagonismo identificada nesse espaço de conflito permite aos eleitores um maior acesso informativo sobre as candidaturas em disputa pela Presidência da República, visto seu caráter desconstrutivista. Por isso, um renovado retorno ao passado para esse estudo se justifica, além dos motivos destacados por Freitas (2018) e apontados no parágrafo acima, pelo fato de o conflito político e antagônico ser um dos principais elementos democráticos e de suas instituições<sup>5</sup>.

Para isso, o artigo está dividido em três seções mais as conclusões. Na primeira seção serão apresentados os conceitos de discurso e antagonismo, desenvolvidos por Laclau e Mouffe. Na segunda seção serão apresentados os sentidos antagonicamente construídos pela candidatura do PSDB nas eleições de 2002. Na terceira seção serão apresentados os sentidos antagonicamente construídos pela candidatura do PT nas eleições de 2002. E, por fim, nas conclusões, será realizando um fechamento com base nos resultados encontrados.

---

5. Sobre conflito político, no sentido que indicamos aqui, ver Vitullo (2007), Miguel (2014) e Freitas (2019 – no prelo).

## Elementos teóricos e metodológicos da análise

Um discurso, no sentido abordado por Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 182) é uma prática significativa que constitui e organiza relações sociais. Portanto, basta que certas regularidades estabeleçam posições diferentes para que possamos falar de uma formação discursiva. Uma formação discursiva é composta por uma heterogeneidade de discursos formados por uma gama de sentidos; são formados por uma relação de sobredeterminação em que não há apenas uma forma de sua constituição e de sua explicação, mas envolvem uma multiplicidade de sentidos que lhe confere uma diversidade de abordagens. É este o entendimento de práticas discursivas e de formação de sentidos.

Toda produção de sentidos depende de uma estrutura discursiva. Portanto, discurso é a ligação entre palavras e ações que formam totalidades significativas. Além do mais, o linguístico não pode ser visto separado do social, rechaçando toda e qualquer separação entre práticas discursivas e práticas não discursivas, pois o discurso não possui um caráter meramente mental, mas sim material (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 180-181).

Mendonça (2007, p. 250) esclarece que o espaço social é um espaço discursivo e que um discurso é uma prática social formada de significações que articulam fala e ação que se constituem dentro do campo da discursividade. Existe uma relação entre a fala (o linguístico) e o que ela significa (a materialidade do discurso – seu significado) formando uma totalidade significativa. Neste sentido, o discurso é mais do que a união entre gesto e fala, ele é uma relação de significação. Toda configuração social é uma configuração significativa, pois são atribuídos aos eventos sociais diferentes significados.

Além do mais, um discurso só poderá ser percebido em seu tempo

e, portanto, sempre será precário, contingente e limitada ao seu corte antagônico. Todos os sentidos de um discurso devem ser entendidos em seus contextos e a partir de suas condições de emergência. Portanto, é devido a esses aspectos, antagonismo, precariedade e contingência, que nenhum discurso poderá garantir que determinadas explicações sejam capazes de se universalizar para todo o sempre.

A ordenação desse discurso será condensada em torno de diferentes demandas e em torno de um discurso privilegiado/representativo de todos os elementos em articulação, isto é, um ponto nodal. Um discurso se forma sempre na tentativa de dominar o campo da discursividade, buscando, deste modo, se constituir como um ponto nodal, um ponto privilegiado, um ponto hegemônico (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 187). Todo discurso busca se hegemônizar, ou seja, uma identidade tenta impor sua particularidade sobre a outra, mesmo que seu sentido nunca seja plenamente constituído; e é disso que decorre a impossibilidade de totalização, a impossibilidade da formação de um discurso pleno.

Todo instante hegemônico necessita de uma relação antagônica, pois, o momento em que uma identidade particular atinge a hegemonia é precedido por algum discurso que o antagonizava ou ainda se mantém como antagônico. Por outro lado, mesmo que haja uma hegemonia, o social ainda se mantém fragmentado por diversas lutas antagônicas, o que poderá ameaçar a hegemonia “dominante” a partir de outros pontos hegemônicos.

Assim sendo, todo ponto nodal se constitui em uma luta por hegemonia e, neste sentido, quando uma determinada identidade se hegemôniza, esvaziando sua particularidade inicial, se torna, necessariamente, um significante vazio. A hegemonia, assim, é um lugar vazio. Para atingir a posição hegemônica uma determinada identidade ne-

cessita esvaziar suas particularidades na busca de representar outras tantas identidades; universalizar seus sentidos.

Segundo Laclau, “um significante vazio é, no sentido estrito do termo, um significante sem significado” (LACLAU, 2011 [1996], p. 67). Um determinado discurso, um ponto nodal, abarca tantos significados de vários momentos que se articularam em torno desse ponto nodal que ele acaba esvaziando suas particularidades e representando outras particularidades dessas identidades articuladas com ele. Para Laclau (*Idem*, p. 75), o significante pode estar vinculado a distintos significados. Isto significa que demandas diferentes, com sentidos diferentes, se articulam em torno de um ponto nodal, um ponto que teve a sua particularidade universalizada, portanto, tornou-se um significante vazio. Assim, o significante vazio também “representa” a impossibilidade de uma objetivação de um objeto qualquer, ou seja, de um fundamento último. O lugar vazio do significante é a possibilidade de formação de identidades a partir de relações de identificação, pois a não existência desse fundamento último é o que possibilita fundamentar verdades parciais, contingentes e precárias.

Nesse contexto teórico, antagonismo é definido a partir de uma relação de exclusão entre duas formações discursivas. De forma simplificada, podemos afirmar que “A” é o que “B” não é. No entanto, antagonismo também é compreendido como constituidor dos discursos. Entendemos então que “A” só é “A” pela negação de “B”. Há aqui duas evidências claras: posições antagônicas não compartilham conteúdos comuns e, por isso, não produzem sentidos iguais (disputam esses sentidos), e ambos dependem uma da outra para se constituir. Portanto, há aqui uma relação paradoxal (MENDONÇA, 2003, p. 137).

Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 199-200) descartam a relação

antagônica como uma oposição real ou como uma contradição, como desenvolvida por Lucio Colletti (1975) a partir de sua interpretação de Kant. O choque entre dois objetos não elimina sua existência física e a oposição real ocorrida entre eles. Além disso, muitas relações contraditórias emergem do social sem, necessariamente, constituir uma relação antagônica. Portanto, o antagonismo é um conceito específico que não mantém relação direta e necessária com a ideia de oposição real e de contradição. No terreno da teoria do discurso dos autores aqui tratados, o antagonismo constitui determinadas identidades a partir de articulações discursivas marcadas pela negação de sua expansão dentro de um jogo simbólico de significados e sentidos. Ou seja, antagonismo requer disputa por sentidos. Enquanto oposição real e contradição se originam do entendimento de que suas identidades já são plenas e constituidoras de uma totalidade (mesmo no caso físico, para oposição), a noção de antagonismo parte da impossibilidade dessa totalização tendo em vista a presença do “outro”. A presença do discurso antagonizado impossibilita essa totalização, ou seja, o antagonismo é o limite de toda objetividade de um dado discurso (*Idem*, p. 201-202).

A noção de antagonismo parte da impossibilidade da objetivação de qualquer identidade, não havendo, assim, uma relação entre identidades plenas (LACLAU, 2014 [2014], p. 138-139). É neste sentido que se entende a impossibilidade de um fechamento completo ou da plenitude de um discurso qualquer, por isso a precariedade de toda identidade que, por consequência, só existe no âmbito da identificação política constituída por diferenças. É a condição ontológica do antagonismo que explica as relações conflituosas que constituem processos de identificações e a fragmentação do espaço do social. Ou seja, as relações políticas/sociais constituídas na dimensão ôntica (que



onde ocorrem) são resultantes da incompletude identitária e da impossibilidade de fundamentação última marcada pelo antagonismo (ontológico). Ontologicamente o ser não tem fundamento, e o antagonismo abre caminhos para processos de fundamentação/identificação na formação de identidades em relações constituídas na dimensão ôntica.

O social pode ser percebido a partir de vários antagonismos e, ainda, quanto mais um sistema não responde de forma satisfatória às demandas sociais, quanto menos ele é capaz de conciliar as diferenças, maiores serão os pontos de antagonismos (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 209). Assim, não há identidades prontas e antagonismos já preestabelecidos, mas suas constituições se dão nessa multidimensionalidade de relações (LACLAU, 2000 [1990], p. 34). Desta maneira, o discurso – como prática – se constitui em oposição a outro discurso, ao seu “negativo”, ao seu concorrente, de forma a negar toda substância antagonizada a partir da produção de sentidos opostos “[...] o antagonismo e a exclusão são constitutivos de toda identidade” (LACLAU, 2011 [1996], p. 88). Com isso, todo discurso é mais do que aquilo que ele abarca. É, também, aquilo que ele exclui. O antagonismo não tem um sentido objetivo, ele é a própria impossibilidade de sua construção. Um discurso nunca vai articular características de seu antagônico, pois assim ele estaria negando a si mesmo. Portanto, discursos antagônicos não possuem conteúdos comuns; logo, toda formação discursiva tem bloqueada sua expansão de sentidos pela presença de seu corte antagônico.

É nesse processo que descrevemos até este momento que está o conflito (o conflito político). O conflito, assim como entendido pela teoria do discurso, é do ser; as rupturas e as desestabilizações do social advêm desse caráter conflitivo – ontológico. É neste sentido que a realidade social não pode ser simplesmente descrita por relações

preestabelecidas, mas sua complexidade aparece no instante em que tais relações se mostram sempre precárias e contingentes. Não existe uma essência que define uma identidade, pelo contrário, é a impossibilidade de se chegar a essa essência (marcada pelo seu caráter deslocado e pela impossibilidade de objetivação imposta pelo corte antagônico) que constitui e configura as identificações resultantes dessa luta antagônica; desse conflito. Por isso, mesmo havendo certa sedimentação do social, a formação de identificações políticas parte de uma disputa política que é marcada por uma fronteira que a delimita, o que impõe um não fundamento, ou seja, a disputa política é fruto de conflitos que constituem identificações políticas que jamais serão finitas, fechadas, mas que constituem identidades enquanto articuladas em torno de um ponto nodal.

No caso do estudo que propomos nesse artigo, os sentidos constituidores dos momentos, que por sua vez são constituidores dos discursos, são oriundos da diversidade de elementos dispersos na própria disputa política que emerge no campo da discursividade (aqui representada pelo HGPE). Deste modo, a partir do campo da discursividade, composto pela luta política imersa nos programas eleitorais veiculados durante o HGPE, foi possível verificar a relação antagônica entre as candidaturas do PSDB e do PT quando se referiam ao plano econômico e seu reflexo na geração de emprego e na política de desenvolvimento, que representam o ponto nodal desse conflito e, por consequência, dessa disputa por sentidos.

## O plano econômico segundo o discurso da candidatura do PSDB

O “ponto privilegiado” na relação antagônica estabelecida entre as candidaturas de PSDB e PT na eleição à Presidência da República de 2002 foi concentrado em torno da “política econômica” e do “plano econômico”, o que serviu de subsídio para se pensar a geração de emprego e uma política de desenvolvimento econômico. Isso não quer dizer que outros temas não apareceram ligados ao entendimento do modelo econômico que cada candidatura defendia; quando tais temas eram significados nos pronunciamentos das candidaturas aqui estudadas, seus sentidos remetiam à disputa pelo entendimento do plano econômico defendido. Outros temas também foram enunciados pelas candidaturas, no entanto não constituíram disputas pelos seus sentidos; não constituíram relação antagônica.

Isto posto, o objetivo desta seção consiste em apresentar a estruturação do discurso antagônico da candidatura à Presidência da República do PSDB, representada pelo candidato José Serra, na campanha eleitoral à Presidência da República de 2002 a partir dos programas veiculados durante o HGPE. Para isso, foram transcritos ao todo 50 programas apresentados no HGPE, que representa o universo total dos programas não repetidos. Desse total, 32 são do primeiro turno e 18 do segundo. Dos 32 programas transcritos do primeiro turno, 8 se referiam ao realinhamento do plano econômico, visando à política de geração de emprego e desenvolvimento, o que representa 25% do total dos programas veiculados no primeiro turno. No segundo turno, dos 18 programas 5 abordaram o tema do realinhamento do plano econômico, o que corresponde a 27,7% do total dos programas transcritos do segundo turno. Temos, então, que dos 50 programas de 2002, 13

abordaram o tema antagonicamente constituído (um total de 26%).

*Momento 1: Mudanças Positivas e Propostas de Avanço*

O momento “mudanças positivas e proposta de avanço” apresenta sentidos que indicam a importância das medidas adotadas durante o governo FHC e indica a necessidade de determinadas mudanças e avanços.

LOCUTOR: Eu acho que o Fernando Henrique, com o Real, derrubou a inflação e deu uma arrumada na economia. E eu vejo, com José Serra, uma nova etapa. Com ele o Brasil vai dar um grande salto social. E se fizer pelo emprego o que ele fez como Ministro da Saúde, eu tenho certeza que a vida dos brasileiros vai melhorar muito. Porque é graças ao programa de combate à AIDS que o José Serra fez, que eu tô aqui, vivo, feliz pra ver tudo isso (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 20/08/2002).

Tanto FHC como Serra representam o projeto político/econômico do PSDB, por isso a ideia de continuidade aparece; mesmo que, em alguns momentos, possa indicar algumas mudanças. Os fatos positivos dos governos FHC, enunciados pelo locutor a partir do excerto acima, representam uma primeira etapa no projeto de governo proposto pelo partido. A continuidade do governo, com Serra, seria a segunda etapa, caracterizada por cuidar do social, aumentar o emprego e melhorar a vida dos brasileiros. Mesmo identificado como continuidade de governo peessedebista, pode ser percebido que nos programas eleitorais de Serra foram proferidos sentidos que indicavam diferenças entre Serra e FHC.

SERRA: Muita gente tem me perguntado qual seria a diferença de um governo meu em relação ao governo do Presidente Fernando Henrique. Para ser bem objetivo, a resposta é simples. Há duas áreas onde o meu governo vai ser totalmente diferente do atual governo. Essas áreas são: o papel do governo no combate ao desemprego, e o papel do Governo Federal no combate à violência. No governo

Fernando Henrique, quem se ocupa com a questão do emprego é o Ministério do Trabalho. No meu governo, além do Ministério do Trabalho, todos os ministérios vão estar voltados pra essa questão, que para mim é a questão central de um governante neste momento da vida brasileira. (...). Na questão da violência, eu quero dizer que nós vamos mudar a constituição se for necessário. E vamos mudar não é apenas porque eu queira não, é porque o país quer. E aí, o combate à violência, que hoje é obrigação dos governos estaduais, vai ser também de responsabilidade do governo federal. E por isso, nós teremos o Ministério da Segurança Pública, que eu vou criar. Esses dois grandes exemplos de diferenças entre o meu governo e do governo atual. Governo em que eu servi em duas ocasiões como ministro, governo o qual (sic) eu me orgulho muito pelas conquistas que teve, colocando 98% das crianças na escola, eliminando doenças importantes e, sobretudo, pela estabilidade da nossa moeda, o Real (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 20/08/2002).

Ainda neste sentido, Serra declara o seguinte em seu programa eleitoral:

SERRA: A economia tá com conceito melhor hoje, porque ela tem fundamentos bem razoáveis: responsabilidade fiscal, a inflação baixa; para alguns produtos pode ser alta, mas na média, se pegar tudo, continua sendo uma inflação baixa. Isso traz mais respeitabilidade lá fora. Também o fato de que o Fernando Henrique apareceu como alguém muito preparado e muito competente, cumprindo regras, cumprindo contratos, porque se você quebrar uma regra aqui, outra acolá, no momento seguinte ninguém acredita em você. No mundo de hoje não dá pra fazer isso (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 20/08/2002).

Conforme Serra, a responsabilidade fiscal e a inflação baixa melhoraram a economia, e tal melhora se deu por causa de FHC, pois o então Presidente da República cumpriu regras e contratos, o que garantiu a confiabilidade no Brasil (preparado, competente e responsável).

SERRA: Eu fiz parte do governo Fernando Henrique, e olhem, me orgulho de ter cumprido minha missão. O atual governo teve erros, como qualquer governo, mas quem não erra não faz, e este governo fez muitas coisas importantes por este país que não devem ser interrompidas, devem ser valorizadas. A estabilidade, o controle da inflação, a responsabilidade fiscal, os programas sociais que tem que ser ampliados, como o Bolsa Escola, o Programa Alvorada de Saneamento Básico, o Programa de Saúde da Família, o Bolsa Alimentação, a erradicação do trabalho infantil, o Vale Gás. São programas que beneficiam diretamente hoje a milhões de pessoas. Mas o meu governo, ao contrário do que o PT tenta fazer você acreditar, não será o terceiro mandato do Presidente Fernando Henrique, será o meu governo, com os meus desafios, os meus acertos e até os meus possíveis erros (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 14/10/2002/ST).

O excerto acima esclarece que Serra, se eleito, não será o terceiro mandato de FHC, fazendo uma crítica direta ao PT. Mesmo não sendo um terceiro mandato de FHC, Serra representa o mesmo partido e, por isso, seu programa eleitoral faz referência a determinadas continuidades, enaltecendo sua importância para dar continuidade ao que está dando certo.

Enfatizada a importância do governo FHC, a principal mudança na condução do governo, segundo os programas eleitorais de Serra, seria em relação à geração de emprego.

LOCUTOR: Para gerar os oito milhões de empregos que o Brasil precisa, o homem que fez os Programas dos Genéricos, fez o Programa Saúde da Família, o Programa Saúde da Mulher, vai realizar, se eleito presidente, o Projeto Segunda-Feira, que como você vai poder ver e poder comparar no decorrer dessa campanha, é a mais completa e a mais detalhada proposta para gerar empregos (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 20/08/2002).

O locutor do programa eleitoral faz menção às atitudes políticas tomadas por Serra durante o governo de FHC, indicando sua capacidade

para gerar emprego a partir do Projeto Segunda-Feira<sup>6</sup>.

A relação entre os elementos identificados até este momento indica sentidos que destacam as mudanças positivas propiciadas pelo governo de FHC, construindo um entendimento de que “pequenos” ajustes na economia – um “realinhamento” – seriam suficientes para a geração de emprego e desenvolvimento. A *Figura 1*, que segue, apresenta o início da estruturação do discurso da candidatura peessedebista.

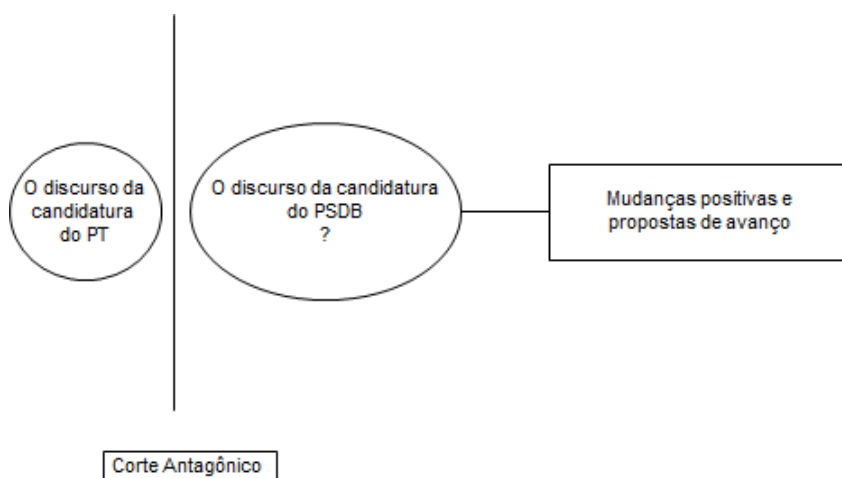


Figura 1: Formação do discurso da candidatura do PSDB nas eleições de 2002 – momento “mudanças positivas e propostas de avanço”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

### *Momento 2: Mudanças Negativas no PT (Lula)*

6. O Projeto Segunda-Feira trata especificamente da geração de emprego. Nele é apresentada a proposta de gerar 8 milhões de empregos em 4 anos, indicando as áreas em que o governo Serra, se eleito, irá atuar. Conforme o Projeto, todos os Ministérios e Ministros de seu possível governo iriam trabalhar juntos para gerar os 8 milhões de empregos que seu Plano de Governo propunha. Disponível em <http://www.psd.org.br>. Acesso em 02 de dezembro de 2016.

A partir dos pronunciamentos contidos nos programas eleitorais da candidatura do PSDB nas eleições de 2002, foi possível identificar elementos que geravam sentidos em relação às mudanças ocorridas no PT enquanto oposição, bem como com a atual candidatura. A comparação entre os candidatos peessedebista e petista, com o intuito de expor o despreparo político de Lula e enaltecer a preparação do candidato Serra (PSDB), foi um dos primeiros elementos antagônicos a emergir a partir desse conflito.

LOCUTORA: Quando foi secretário de planejamento de Montoro, José Serra saneou as finanças de São Paulo. Ele tem, portanto, um preparo acadêmico e uma experiência a nível estadual que Lula não tem. Serra conhece a vida parlamentar a fundo, sabe como conseguir recurso para tirar as ideias do papel. Foi deputado federal 2 vezes, tendo sido considerado pelo IBOPE o deputado mais atuante do Brasil. Já Lula desistiu de ser deputado. Enquanto Lula, de lá pra cá, concorreu várias vezes querendo ser presidente, Serra se preparou para ser presidente. Enquanto Lula, em 92, não exercia nenhum cargo público, após ter perdido a eleição para Collor, Serra, em seu segundo mandato como deputado teve um papel de extrema importância no impeachment de Collor. Em 94, enquanto Lula, mais uma vez, querendo ser presidente, disputava a eleição com Fernando Henrique, Serra era eleito o Senador mais votado do país. Enquanto Lula, na sua campanha era contra o Plano Real, Serra lutou para que o Real desse certo. Em 98, enquanto Lula, mais uma vez, querendo ser presidente, concorria com Fernando Henrique, Serra assumia o Ministério da Saúde. E graças ao seu preparo e à sua experiência fez um trabalho que mudou a vida de milhões de pessoas. Por isso, foi eleito em 2001, pelo Fórum Mundial, o melhor Ministro da Saúde do mundo (...). É essa a história que faz diferença entre os dois candidatos, diferença que acaba refletida em seus programas de governo (...). Vamos ver um exemplo claro disso no programa de governo de Lula. Lula sempre falou em criar 10 milhões de empregos, no site do PT está escrito, no Jornal da Tarde também. E no site do Jornal o Globo, Lula não só confirmou como corrigiu um internauta. Mas quando Serra apresentou sua proposta de 8 milhões de empregos,



Lula recuou e começou a negar seu compromisso de 10 milhões de empregos. Jornal o Globo, Lula nega ter meta de 10 milhões de empregos (...). Agora fica a pergunta: porque Lula está voltando atrás? Diante disso, a população deve ou não acreditar em suas propostas? As propostas foram feitas por ele, ou por sua equipe? E mais, em 98 Lula prometia 15 milhões de empregos (...). Se Lula diz que o desemprego aumentou, por que a proposta diminuiu? Lula, ou ele esconde o que pensa, ou não sabe o que diz (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 14/09/2002).

Nesta passagem fica evidenciada a preparação de Serra como ponto importante para um candidato à Presidência da República e o despreparo de Lula como elemento impactante para uma “boa governabilidade”. Tratado do Plano Real, a candidatura peessedebista informa que Lula era contra o Plano nas eleições passadas (1998).

LOCUTORA: O PT nesta campanha tem se apresentado de uma maneira bem diferente do que ele sempre foi. Agora ele é paz e amor. Mas a imprensa brasileira tem mostrado seguidamente que o Lula que você vê na TV não é o Lula do PT, é um Lula para ganhar as eleições (...). O PT diz que Lula mudou, tudo bem, todo mundo tem direito de mudar. Eles dizem que Lula não é mais o radical de anos atrás. Mas nós não estamos falando de um Lula ou de um PT lá de trás, estamos falando de um PT de agora, de 2000, 2001. E olhando esse PT e esse Lula, eles não se parecem com o PT que vocês veem na TV. (...) Alguém pode dizer que nós estamos mostrando tudo isso só porque este é o programa do Serra que disputa a eleição com Lula. Mas veja o que diz o editorial da Folha de São Paulo de 18 de setembro de 2002. O editorial diz que Lula com sua tática eleitoral de lulinha paz e amor diz a cada auditório aquilo que ele quer ouvir. No caso do Lula 2002, diz a Folha: Sua trajetória de campanha contém promessas que se contradizem umas com as outras. Compromete-se, por exemplo, com o duro ajuste fiscal acertado pelo atual governo com o Fundo Monetário internacional, mas, ao mesmo tempo, acena com a revisão de cortes de gastos públicos e com a recuperação salarial do funcionalismo. É evidente que essa estratégia serve como uma luva aos interesses eleitorais imediatos do

PT. Mas ela deliberadamente esconde da sociedade o que pretende fazer (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 19/09/2002).

Neste mesmo sentido:

LOCUTOR: Tão estranho quanto ver o Serra cantando a música do Lula, é ver o Lula defender coisas que o PT é contra até hoje. Essa música não é do Serra. Essa conversa nova do Lula, não é do Lula. (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 18/10/2002/ST).

Conforme os sentidos atribuídos a Lula e ao PT pelo programa eleitoral de Serra, o candidato petista estaria escondendo sua posição da sociedade, defendendo propostas contraditórias, pois fala coisas diferentes conforme o público. Neste mesmo sentido:

SERRA: Eu tenho sido claro na minha apresentação, tenho dito o que vou fazer, como eu vou fazer para que você saiba exatamente o que eu penso. Mas eu não vejo essa clareza nas propostas do meu adversário. A campanha do PT tem sido de encantar e cantar, sem se aprofundar nas discussões sobre as mudanças que propõe, tentando se aproveitar das insatisfações de um país que tem 170 milhões de pessoas com suas necessidades, seus problemas. Mas agora vale a pena prestar atenção nas incoerências e nas dubiedades do discurso do candidato do PT. Olhe, para o povo, o Lula diz que vai mudar a política econômica, sem dizer o que e como vai mudar. Já para os empresários ele tem garantido que não vai fazer nenhuma mudança importante na economia. Para o povo, promete mágicos aumentos do salário mínimo, grandes aumentos para o funcionalismo público, mas para o FMI diz que vai manter a responsabilidade fiscal. Para o povo, o Lula diz que vai manter a inflação baixa, mas ao longo da campanha assumiu tal número de compromissos que para serem cumpridos terão como consequência inevitável a volta da superinflação. Para o povo, o Lula diz que vem pra renovar a política brasileira, para mudar o Brasil, mas fez alianças com os políticos mais comprometidos com o atraso, aqueles que sempre impediram as mudanças neste país. Olhem, discursos diferentes, para públicos diferentes, parecem promover a união, mas na prática, só produzem

frustração. Se o Lula fosse eleito, estaríamos diante de 2 possibilidades: ou cumpriria seus compromissos recentemente assumidos com os empresários, e estaríamos, assim, diante do maior estelionato eleitoral depois da eleição de Collor, ou, se tentasse cumprir suas promessas mágicas com a população, levaria o Brasil à ruína. Eu digo isso com toda responsabilidade, não apenas como candidato, mas também como cidadão (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 19/10/2002/ST).

Conforme o excerto acima, o PT e Lula constroem dois “discursos”, mentindo para o povo a partir de uma campanha eleitoral oportunista. Ainda, Lula e o PT, a partir dessa estratégia de falar o que cada público quer ouvir, ou estariam cometendo estelionato eleitoral ou levariam o Brasil para ruína.

Na sequência, a *Figura 2* apresenta a articulação entre os dois primeiros momentos identificados na formação discursiva da candidatura peessedebista.

### *Momento 3: Política do Medo na Mudança*

O próximo momento desse discurso, “política do medo na mudança”, apresenta novos elementos que geram sentidos em relação à candidatura de Lula em 2002. A ideia de política do medo se desenvolve, basicamente, tendo como base a posição adotada pelo PT e por Lula em suas trajetórias política e eleitoral, enfatizando, como podemos perceber no excerto que segue, a falta de qualificação de Lula e sua inexperiência.

LOCUTOR: Antes de votar no dia 6, pense nisso. O PT quer vencer o país que vai vencer no primeiro turno, e está fazendo de tudo para evitar o debate, sobretudo este debate sobre emprego. Eles querem um cheque em branco, mas o povo brasileiro, cuja vida é decidida a cada eleição, quer saber quem é o mais preparado, e quem tem o plano mais viável e mais consistente para gerar empregos. E quando falamos em preparo e experiência, não é para desqualificar o Lula. Todo jovem deseja ter experiência para ter acesso a um bom

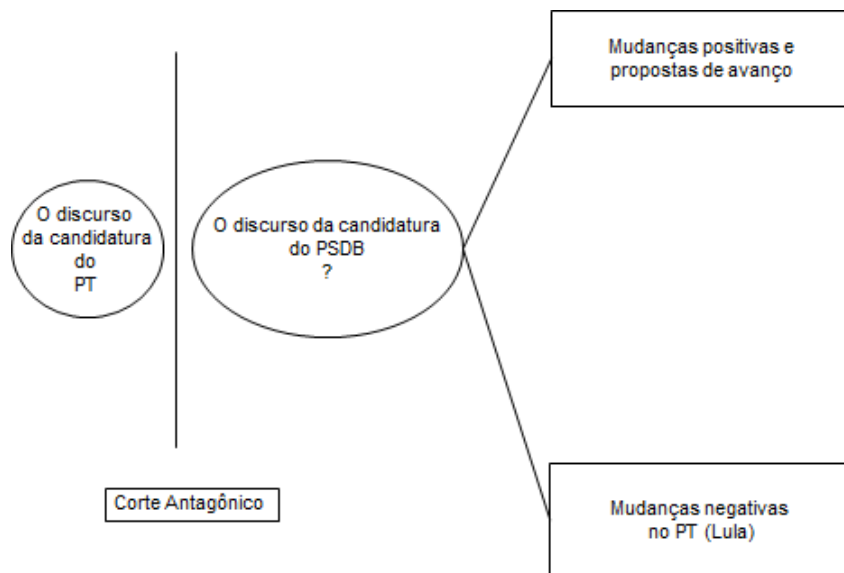


Figura 2: Formação do discurso da candidatura do PSDB nas eleições de 2002 – momentos “mudanças positivas e propostas de avanço” e “mudanças negativas no PT (Lula)”  
 Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

emprego. Se Lula nunca desejou ter experiência administrativa, é um problema dele. Agora, alguém querer que sua primeira experiência seja logo a Presidência da República, isso é um problema nosso (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 14/09/2002).

Deste modo, tanto a falta de qualificação como a falta de experiência administrativa de Lula se mostram um problema sério para política brasileira. Como ocorreu na estruturação dos momentos anteriores, alguns elementos reaparecem, mas indicando sentidos diferentes, porém não contrários. Aqui, os elementos que indicam a falta de qualificação e experiência de Lula sinalizam o “medo” de ter Lula como Presidente da República.

Complementando esse entendimento sobre a candidatura de Lula do PT, o excerto a seguir apresenta um novo elemento:

LOCUTOR: Faltam 4 dias para a eleição, e o passo que o Brasil vai dar neste domingo deve ser um passo à frente, e não um passo em falso. O Brasil deve escolher o seu futuro, e não deixar pra ver aonde a sorte vai nos levar. 20 dias de campanha no segundo turno, com 2 ou 3 debates, podem evitar 4 anos de interrogações. Todos nós brasileiros queremos mudanças, e vamos mudar. Mas é bom ficar claro, pelos nossos filhos, pelas nossas famílias, para onde estamos mudando, para onde estamos indo (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 03/10/2002).

Conforme o programa eleitoral de Serra, Lula e o governo do PT são uma interrogação para o Brasil. Ainda segundo o programa do candidato peessedebista, a escolha por Lula poderia jogar o país à própria sorte, o que chama de “um passo em falso”. Em se tratando das mudanças necessárias, o que já foi apresentado no momento discursivo “mudanças positivas e proposta de avanço”, a candidatura de Serra chama a atenção para a interrogação que seria um governo comandado pelo PT e por Lula.

De forma mais aprofundada, a “política do medo”, construída a partir dos pronunciamentos proferidos durante a campanha eleitoral dos candidatos à Presidência da República do PSDB durante o HGPE, ganhou novos sentidos a partir da fala da atriz Regina Duarte, convidada do programa eleitoral de Serra. Podemos perceber seus sentidos no excerto que segue:

REGINA DUARTE: Tô com medo, faz tempo que eu não tinha esse sentimento. Porque eu sinto que o Brasil nesta eleição corre o risco de perder toda estabilidade que já foi conquistada. Eu sei que muita coisa ainda precisa ser feita, mas também tem muita coisa boa que já foi realizada. Não dá pra ir tudo pra lata do lixo. Nós temos 2 candidatos à presidência um eu conheço, é o Serra. É o homem dos genéricos, do combate à AIDS. O outro, eu achava que conhecia, mas hoje eu não reconheço mais. Tudo que ele dizia mudou muito, isso dá medo na gente. Outra coisa que dá medo é a volta da inflação desenfreada, lembra, 80% ao mês. O futuro presidente vai ter que

enfrentar a pressão da política nacional e internacional, e vem muita pressão por aí. É por isso que eu vou votar no Serra, porque ele me dá segurança. Porque dele eu sei o que esperar. Por isso eu voto 45, voto Serra. E voto sem medo (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 14/10/2002;/ST).

A atriz começa sua fala enfatizando seu medo, para logo indicar que teme perder a estabilidade conquistada durante o governo FHC. Além disso, a atriz afirma ter medo de Lula, ter medo da volta da inflação com seu governo. Fazendo uma comparação rápida entre os candidatos, a atriz declara que conhece Serra e suas políticas, diferentemente de Lula, que mudou muito nesses últimos anos e, principalmente na eleição em questão – 2002. Outro ponto enaltecido pela atriz está relacionado à capacidade de governar, indicando sua confiança em Serra e seu medo da insegurança que Lula transmite.

Ainda tratando sobre este contexto, Rita Camata (PMDB), vice de Serra, afirma o seguinte:

RITA CAMATA: Um dia Regina Duarte disse que estava com medo dessas eleições, disse ainda que votava no Serra e não no Lula, porque o Serra ela conhece, e o Lula está muito diferente, é outra pessoa. Pois foi só ela dar a sua opinião, como qualquer um de nós pode fazer, para ser acusada pelo PT e pela CUT de estar fazendo terrorismo. Isso é que assusta. A gente não pode falar o que pensa? O que dá medo a muita gente, não apenas a Regina, é que voltem coisas antigas como a censura, patrulhamento, instabilidade, inflação desenfreada. Porque o Brasil, meus amigos, quer mudar sim, mas mudar pra melhor. Nós não podemos voltar para o passado, onde os artistas, os intelectuais, os políticos eram censurados pelo que pensavam e pelo que falavam. O Brasil tem que avançar, e não apenas andar pra trás (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 16/10/2002/ST).

Se referindo à fala de Regina Duarte e sua repercussão na campanha de Lula, Rita Camata afirma que seu medo está relacionado, também, à possível censura, ao patrulhamento feito pelo PT e seu

candidato e pela possível volta da instabilidade e da inflação; medo do retrocesso. Apresentado por Camata, o medo à censura aparece no pronunciamento de outra atriz, Beatriz Segall, também convidada a dar sua declaração no programa eleitoral de Serra.

BEATRIZ SEGALL: Eu tenho medo. Como Regina Duarte eu também estou com medo, medo de não poder dizer que estou com medo. De ser ameaçada de processo pelo simples fato de discordar, e de não poder falar o que eu bem entender. Tenho medo de alguém que recorre às ofensas pessoais e profissionais, porque estas são o último reduto da falta de argumento. Mas não tenho medo das atrizes mais jovens, ao contrário, procuro incentivá-las nas suas carreiras. E por fim, quero continuar vivendo numa democracia, sem pressões e falar o que eu bem entender e não ter medo disso (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 18/10/2002/ST).

Referindo-se ao apoio dos empresários e investidores, o programa de Serra afirma o seguinte:

LOCUTORA: É por esta firmeza de José Serra que, como mostra a pesquisa do Jornal Folha de São Paulo, 82% dos empresários entrevistados consideram José Serra o homem mais preparado para enfrentar a crise econômica. Apenas 12% dos empresários acham que é Lula (Programa Eleitoral Serra/PSDB, HGPE, 17/10/2002/ST).

Assim, Serra seria o preferido dos empresários, mostrando a falta de apoio de Lula.

A *Figura 3*, que segue, apresenta a estruturação e a articulação dos três momentos discursivos capturados nos pronunciamentos da candidatura do PSDB.

*Emprego e Desenvolvimento: O Realinhamento do Plano Econômico*

A partir da dispersão de elementos que constituíram os pronunciamentos contidos nos programas eleitorais da candidatura do PSDB

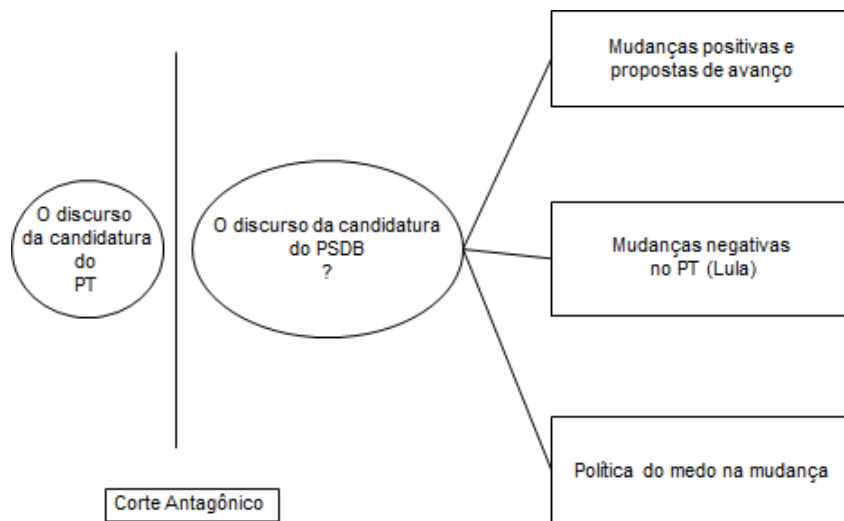


Figura 3: Formação do discurso da candidatura do PSDB nas eleições de 2002 – momentos “mudanças positivas e propostas de avanço”, “mudanças negativas no PT (Lula)” e “política do medo na mudança”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

nas eleições de 2002 (Serra) e tendo em vista a relação antagônica com a candidatura petista, foi identificada a emergência de diversos sentidos que significavam de formas diferentes a condução da economia e a necessidade de se pensar alguns ajustes, bem como a retomada de determinadas diretrizes aplicadas durante o mandato de FHC do PSDB como Presidente do país – 1995 a 2002. Com base na regularidade desses elementos e dos sentidos gerados nesse processo de regularidade, ficou evidenciada a “defesa” do modelo econômico adotado durante o governo de FHC do PSDB, sendo necessário apenas “pequenos” ajustes para que fosse possível a geração de mais empregos e que o país fosse recolocado no “trilho do desenvolvimento”. A candidatura tucana buscou defender e apresentar caminhos ligados à política econômica de seu antecessor e companheiro partidário, enfatizando a



importância das conquistas alcançadas durante o governo de FHC no que se refere à estabilidade da economia e à construção de um cenário propício para investir mais na área social, dando importância para a necessidade de gerar emprego.

Compreendida a estruturação dos momentos e seus sentidos, foi identificada nos pronunciamentos da candidatura tucana nas eleições de 2002 argumentos que giravam em torno da política econômica e seu reflexo na política de geração de emprego e desenvolvimento que, organizados a partir dos momentos “mudanças positivas e proposta de avanço”, “mudanças negativas no PT (Lula)” e “política do medo na mudança”, constituiu o ponto nodal “emprego e desenvolvimento: o realinhamento do plano econômico”, como apresentado na figura 4.

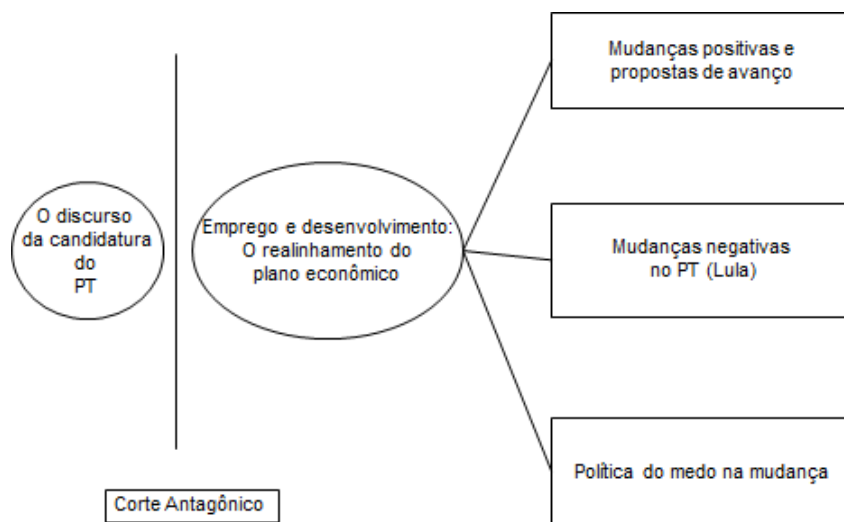


Figura 4: Discurso da candidatura de Serra do PSDB em 2002.  
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

## O plano econômico segundo a candidatura do PT

O objetivo desta seção é o de apresentar a estruturação antagonica do discurso da candidatura do PT na campanha eleitoral à Presidência da República de 2002 a partir dos programas veiculados durante o HGPE. O ponto nodal da articulação que constitui a relação antagonica, agora no caso do PT, também estava ligado à ideia do plano econômico e seu impacto no que diz respeito à política de geração de emprego e desenvolvimento. Por mais que a candidatura petista nessas eleições tenha abordado outros temas, foi o entendimento sobre o plano econômico e seu reflexo na geração de emprego e desenvolvimento que apresentavam elementos que disputavam antagonicamente os sentidos em relação à aplicação dessa política.

Para a elaboração dessa seção foram transcritos ao todo 56 programas eleitorais veiculados no HGPE. Deste total, 38 são do primeiro turno e 18 do segundo. Do primeiro turno, 11 (ou 28,4% dos programas transcritos) faziam referência a um novo plano econômico visando à política de geração emprego e desenvolvimento; do total de programas do segundo turno, 3 (ou 16,66% do total) abordaram esse tema. Assim, dos 54 programas de 2002, 14 abordaram o tema antagonicamente constituído, o que representa 25,9%.

### *Momento 1: Crise Econômica e Abandono do Social*

Logo no início da campanha eleitoral de 2002, Lula afirma que o modelo econômico aplicado ao longo dos governos de FHC do PSDB está esgotado, que o país está endividado e menos produtivo, levando à falta de emprego e à diminuição da renda e do consumo. Tais elementos geram sentidos e começam a formar um entendimento em relação à existência de uma crise econômica e um descaso com o social por parte do governo de FHC.

LULA: A crise que o nosso país atravessa não deixa dúvida, o atual modelo econômico está esgotado. Somos um país cada vez mais endividado, e cada vez menos produtivo. Ou seremos capazes de produzir mais, de fazer crescer a renda do povo, fortalecendo a nossa economia, ou continuaremos andando para trás. E porque isso acontece? Veja, se o povo não tem trabalho, sua renda cai e ele não compra. Se ele não compra, a loja não vende. Se a loja não vende, a indústria não produz. Se a indústria não produz, não emprega. E tudo isso paralisa a economia do país. E como se faz pra sair dessa situação? Veja as minhas principais propostas. LOCUTOR: (crescimento econômico e geração de emprego e renda) Estabelecer novo contrato social entre Governo, empresários e trabalhadores, visando à retomada do crescimento econômico, geração de empregos e melhor distribuição de renda. Aumento das exportações. Redução da taxa de juros. Reforma tributária justa que desonere a produção. Incentivo à construção de casas populares. Estímulo ao turismo, à agroindústria, à agricultura familiar e à reforma agrária. Garantir crédito para microempresas e para pessoas que trabalham por conta própria. Apoio aos projetos sociais e a todos os programas de geração de emprego (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 20/08/2002).

Em contraposição ao momento vivido pelo país, o candidato petista sinaliza com a necessidade de uma proposta de um novo modelo, um novo “contrato social” (governo, empresários e trabalhadores). Neste mesmo sentido:

LULA: Para sair da crise, o Brasil precisa equilibrar sua balança de pagamentos. Quantas vezes você ouviu isso nesses últimos tempos. Trocando em miúdos, isso significa que temos que exportar mais e importar menos, ou seja, trazer mais dólares pra cá e mandar menos dólares pra lá. Mas enquanto o Brasil precisa fazer esse grande esforço, a Petrobras parece ignorar que ela é uma empresa brasileira, faz concorrência para a construção de 3 plataformas marítimas no valor de 1 bilhão e meio de dólares. E apesar da gente ter estaleiros capazes de produzir estas plataformas aqui no Brasil, ela já contratou a construção da primeira delas em Cingapura, na Ásia. Está praticamente certo que o destino das outras duas será o mesmo. Mais uma coisa. Se estas plataformas fossem construídas no Brasil, gera-

ria cerca de 25 mil novos empregos por um período de 3 anos, isto é, além de mandar 1 bilhão e meio de dólares pra fora, deixamos de criar milhares e milhares de empregos aqui dentro. Achei essa história tão absurda que vim em Angra dos Reis conferir [imagem de Lula na entrada do estaleiro de Angra dos Reis]. E é a mais pura verdade. O Presidente do estaleiro Fels Setal confirmou tudo. De fato, as plataformas podem ser feitas aqui. A Petrobrás é que, inexplicavelmente, resolveu fazer lá fora (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 29/08/2002).

Nesse mesmo sentido:

LULA: Como toda empresa estatal, a Petrobras é subordinada ao Presidente da República. E num momento como este, o Presidente tinha que chamar a direção da Petrobras e dizer: é no Brasil que essas plataformas têm de ser feitas, não em Cingapura. Ponto final. Tenha certeza, se eu for eleito presidente tudo que puder ser feito no Brasil, será feito no Brasil, porque nós precisamos gerar riquezas, empregos e renda aqui, no nosso País (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 29/08/2002).

Apresentando um novo ponto em relação à política econômica adotada durante o governo FHC e se referindo a novos investimentos, Lula afirma o seguinte;

LULA: Não dá para entender. É verdade que os 12 caças FX não podem ser totalmente feitos no Brasil, mas podem ser montados, integrados e testados aqui, pois existem empresas brasileiras que estão prontas pra isso. Além do mais, tratando-se de um avião militar, a questão fundamental é a independência de sua operação, que só pode ser alcançada com domínio tecnológico. E é exatamente o domínio dessa tecnologia que vai influenciar uma nova geração de aviões brasileiros, com um grande futuro no mercado internacional. Isso significa mais dólares e mais empregos gerados aqui. É isso que falta à gente, planejamento de longo prazo. Num momento como esse o Presidente tem que ter firmeza pra dizer: os interesses estratégicos do Brasil estão em primeiro lugar e ponto final. A nossa independência tem que ser conquistada sim, pois a concorrência é

cada vez mais rápida e mais agressiva, o Brasil tem que ser mais ágil e mais forte. Enfim, um novo Brasil, um ritmo bem diferente (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 07/09/2002).

Conforme a crítica proferida por Lula, o governo brasileiro, com essa política e esse modelo econômico adotado pelo governo peessedebista, abre mão do domínio tecnológico e deixa de atrair dólares e gerar empregos, indicando uma falta de planejamento em longo prazo; não defende os interesses do Brasil. A relação entre os elementos apresentados até este instante, geram sentidos críticos sobre a política econômica adotada pelo governo de FHC do PSDB e seu impacto negativo na geração de emprego.

Apresentando uma ampliação de elementos referentes à questão econômica, os excertos que seguem demonstram sentidos no que diz respeito à ideia de crise econômica e abandono do social. Comentando a situação enfrentada pela fábrica da Volkswagen, que vem reduzindo as vendas, Lula, como veremos no próximo trecho, afirma que a crise econômica que se instaura no país afeta a produção e a geração de emprego, causando a queda do poder aquisitivo do cidadão e levando-o à insegurança.

LULA: Hoje é sexta-feira, são 10 horas da manhã. E é muito triste ver a fábrica da Volkswagen assim parada num dia normal. Já houve um tempo em que essa fábrica funcionava 7 dias por semana, dia e noite, e não dava conta de tudo que precisava produzir. Hoje ela é obrigada a dar férias coletivas a seus trabalhadores e a funcionar apenas 4 dias por semana. O que está acontecendo aqui dentro é um reflexo do que está acontecendo lá fora. São 15 mil carros prontos no pátio à espera de compradores. Isso é o retrato da crise econômica brasileira. A queda do poder aquisitivo, a insegurança causada pelo desemprego são as principais responsáveis pela redução das vendas. Afinal, do jeito que as coisas andam, o empregado de hoje pode ser o desempregado de amanhã (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 10/09/2002).

Neste mesmo sentido.

LULA: Tem uma coisa que o povo brasileiro já entendeu, pra sair da crise o Brasil precisa mudar seu rumo. Continuar na mesma direção, seria enfraquecer ainda mais o país e aumentar o sofrimento do povo. Como tenho dito e repetido, é preciso crescer, desenvolver e exportar mais. Quanto mais rápido conseguirmos fazer isso, mais rápido sairemos dessa crise. Pra isso, temos de gerar desenvolvimento em todas as áreas: na agricultura, na indústria, no comércio, enfim, em todos os setores e para todas as camadas sociais (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 17/09/2002).

Conforme o candidato petista, para sair da crise é preciso mudar de rumo, é preciso crescer, desenvolver e exportar, pois o atual modelo prejudica o país e aumenta o sofrimento do povo. Assim, Lula defende sua candidatura e uma renovada forma de governar. Na *Figura 5* podemos verificar o início da formação discursiva da candidatura do PT.

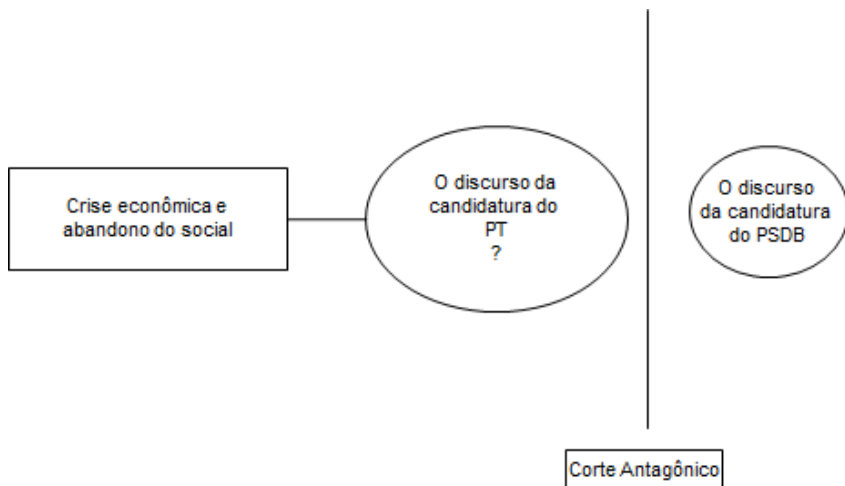


Figura 5: Formação do discurso da candidatura do PT nas eleições de 2002 – momento “crise econômica e abandono do social”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

*Momento 2: Solidificação da Economia e Desenvolvimento Social*

As afirmações contidas nos programas da candidatura petista buscavam apresentar propostas que possibilitavam a relação entre o econômico e o social; buscar solidificar a economia com desenvolvimento social. Lula, logo no início da campanha eleitoral de 2002, apresenta sua perspectiva sobre a geração de emprego. Vejamos:

LULA: Poucas coisas causam tanta aflição a um pai e a uma mãe como assistir o sofrimento de seu filho ou de sua filha em busca de seu primeiro emprego. Tenho 5 filhos e sei quanto eu e Marisa sofremos durante essa nossa etapa de vida. O primeiro problema é a falta de experiência. Agora, como ter experiência se ninguém dá o primeiro emprego? Essa é exatamente a grande contradição. Cheguei a uma conclusão: a única forma de motivar as empresas a contratar (sic) um jovem sem experiência é dar a elas algum incentivo pra isso. É exatamente o que vou fazer. Entretanto, é importante ressaltar que o problema do desemprego no Brasil só será resolvido com a retomada do crescimento econômico. Engana você, quem lhe disser o contrário. Dentro desse contexto, o meu projeto para o primeiro emprego deve ser visto não como uma solução definitiva, mas como uma boa alternativa para evitar o agravamento da crise entre os jovens que buscam a sua primeira oportunidade. Com isso, ganham as empresas. Ganham os jovens que adquirem sua primeira experiência profissional. Ganha o Brasil, que abre um grande mercado de trabalho para milhões de jovens. E ainda, ganham os pais dos jovens, que poderão dormir em paz, livres desse grande sofrimento. Quero deixar claro que esse projeto precisará ser muito discutido com os sindicatos e com os empresários, e que somente com um grande pacto, um grande acordo, ele poderá ser feito. Mas acredito que todos estão maduros para essa discussão, sobretudo diante do alto índice de desemprego que tomou conta do nosso país (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 12/09/2002).

Lula indica que a retomada do crescimento econômico é um fator essencial para gerar emprego, e que uma política que aborde o “primeiro emprego” (experiência), gerando incentivos para as empresas contratarem, seria uma boa alternativa para não agravar a crise. Sendo assim, conforme Lula, todos ganham com esse projeto (empresa e jovem trabalhador), um projeto que, segundo a candidatura petista, envolve um grande pacto. A dispersão sobre o entendimento da necessidade de se fazer um “novo e grande pacto social” agora indica novos sentidos que, neste cenário específico, se relacionam com a proposta de um novo modelo econômico que leva em consideração a questão social. Assim, tratando sobre a ideia de um novo pacto, o excerto a seguir apresenta o “diálogo” da construção dessa nova relação – de certa forma, a aproximação entre o PT e os empresários era um dos pontos criticados no discurso dos candidatos peessedebistas.

IVO ROSSET (Presidente da Valisère): Para ser sincero, até hoje nunca votei no Lula. Mas sem dúvida, seu projeto para o primeiro emprego sinaliza o começo de uma nova relação entre governo, empresários e trabalhadores, onde todos vão ganhar. É assim que se combate o desemprego, com criatividade e eficiência (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 12/09/2002).

Numa observação mais “crua” sobre a história do PT e seus pronunciamentos em campanhas eleitorais, a relação com os empresários a partir de 2002 indica uma mudança substantiva em seu entendimento sobre as estruturas políticas que constroem as relações sociais. Por outro lado, tal relação é significada pela candidatura do PT, representada pela fala de Ivo Rosset, como o começo de uma nova relação entre governo, empresários e trabalhadores. Deste modo, as bases de negociação entre esses grupos se dariam de forma diferente da que era elaborada até o ano de 2002; todos ganham com essa nova proposta, atuando no combate ao desemprego com criatividade e eficiência.



Ainda sobre o combate ao desemprego:

LOCUTOR: Combate ao desemprego.

LULA: Essa será a maior prioridade. O desemprego está intimamente ligado ao desaquecimento da nossa economia. E vamos provar que temos como resolver esse problema. Pra isso, a primeira coisa a fazer é estimular a produção, aumentar as exportações e retomar o crescimento econômico, que é o que o atual governo já deveria ter feito há muito tempo. Sem produção, não há emprego. Temos que fazer também um grande pacto social, colocando em volta da mesa trabalhadores, empresários, sindicato e governo, em busca de alternativas. Temos que ter novas leis trabalhistas, novos estímulos à produção, incentivos fiscais, linhas de crédito, financiamentos e redução de impostos. Os grandes problemas brasileiros estão todos interligados. Não é à toa que o aumento do desemprego trouxe como consequência, também, o aumento da violência em todo país. Nos lugares onde o desemprego é menor, a violência também é menor. Temos que ter uma polícia firme, bem equipada, bem remunerada. Temos que combater a corrupção policial. Temos que investir muito numa polícia mais investigativa, como existem em outros lugares do mundo com excelentes resultados. Mas temos também que estar presentes nas favelas e nos bairros periféricos, onde a violência é maior, levando cultura, esporte, emprego para os jovens. Enfim, criando novas oportunidades e melhores condições de vida para as pessoas. Essa é a melhor maneira de afastar os jovens das drogas e do crime (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 22/10/2002/ST).

O começo da solidificação da economia e de sua retomada de crescimento passa pelo estímulo à produção, pois, conforme o programa eleitoral de Lula do PT, sem produção não há emprego. Neste sentido, um novo pacto social e uma legislação com novas leis trabalhistas, além de criar incentivos fiscais, reduzir impostos, ampliar as linhas de crédito e financiamento, são atitudes que configuram um novo modelo político e social. Com relação a esses pontos, o locutor da campanha eleitoral do PT estabelece uma conexão entre o aumento do desemprego e o aumento da violência, indicando a necessidade de

implementação de novas ações – um novo modelo. Portanto, o novo plano passa pela reestruturação da economia (sua solidificação) e pelo desenvolvimento social.

Tratando sobre desenvolvimento social, mais diretamente sobre o combate à fome, o locutor da campanha eleitoral do PT afirma o seguinte:

LOCUTOR: Ao fazer um programa específico de combate à fome, Lula define claramente a cara de seu governo. Um governo que olha para cima, para o futuro, para o desenvolvimento da nação. Mas que não esquece também de olhar para baixo, para os fracos, para os pequenos, para os famintos que significam mais de 40 milhões de brasileiros (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 31/08/2002).

A política de combate à fome, segundo o discurso da candidatura petista, apresenta “a cara do governo”, um governo que pensa em quem passa fome e, ao mesmo tempo, se preocupa com o desenvolvimento da nação. Assim, são atribuídos sentidos que indicam a busca pela solidificação da economia com a necessidade de propiciar desenvolvimento social. Deste modo, as regularidades desses elementos apresentam sentidos que relacionam aspectos econômicos e sociais, apresentando um “novo projeto”, contrapondo o entendimento de “mudanças negativas” desenvolvidas pelo discurso da candidatura tucana.

Na sequência, a *Figura 6*, de forma esquemática, apresenta a articulação dos dois primeiros momentos do discurso da candidatura petista até aqui expostos.

### *Momento 3: Política da Esperança no Novo Modelo*

O momento “política da esperança no novo modelo” se configura em resposta aos “ataques” feitos pelos candidatos do PSDB nas eleições de 2002. No decorrer da campanha eleitoral de 2002, uma das estratégias da candidatura do PT e de Lula foi a de trabalhar a ideia de

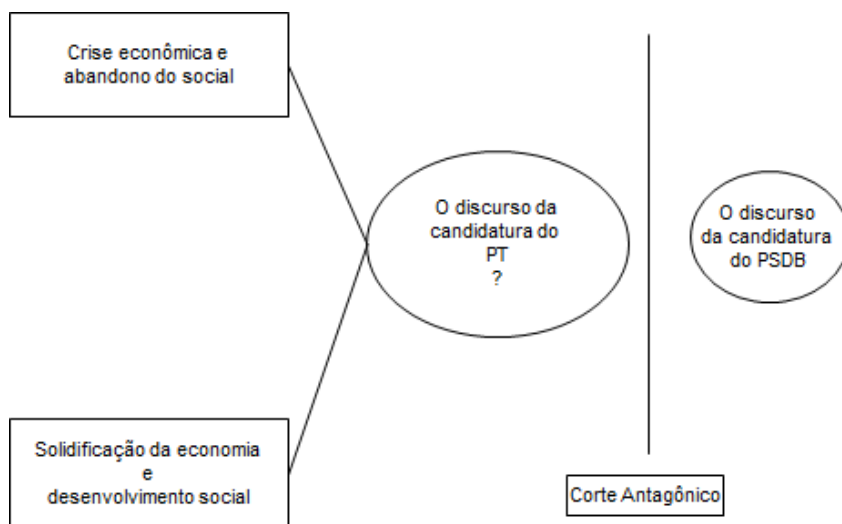


Figura 6: Formação do discurso da candidatura do PT nas eleições de 2002 – momentos “crise econômica e abandono do social” e “solidificação da economia e desenvolvimento social”.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

pacto social, buscando, com isso, desconstruir sua imagem de radical. A regularidade em torno do “pacto social”, como apresentada na seção anterior, produziu sentidos referentes à solidificação da economia e desenvolvimento social, agora, neste momento, apresenta novos sentidos que buscam apresentar a candidatura petista como responsável e que manterá diálogo com todos os setores da sociedade, inclusive com empresários – isso pode ser verificado pela indicação de José Alencar (Partido Liberal – PL) como vice. Assim, a regularidade de elementos referentes ao pacto social ganha novos sentidos, o que caracteriza um novo momento constituidor do discurso da candidatura do PT. Podemos perceber isso nas palavras de seu candidato a vice:

JOSÉ ALENCAR: Meus amigos, meu nome é José Alencar. Sou empresário do setor têxtil e senador da república por Minas Gerais.

Com muita honra sou candidato à vice-presidência da república na chapa do Lula. Tenho viajado por todo o Brasil e fico impressionado em ver o carinho e entusiasmo com que o nome de Lula é recebido em todos os estados. Todos querem que o Brasil volte a crescer, recupere o sentimento nacional e tenha na Presidência da República um brasileiro que possua sensibilidade social. Há grande afinidade entre mim e o Lula. Nossa aliança representa pacto social importantíssimo. É a valorização do trabalho e da produção, visando o crescimento da economia com geração de empregos e mais justa distribuição da renda nacional (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 28/09/2002).

Neste mesmo sentido:

LULA: Quero aproveitar para dizer também aos empresários que o Brasil precisa muito deles para esse grande desafio de voltar a crescer, gerar empregos e exportar. E que eles terão, da minha parte, todos os incentivos necessários. Mas quero dizer também claramente que esse será o país da produção, e não o país da especulação. O país do trabalho sério, do lucro justo, e não o país dos aproveitadores, dos sonegadores, dos agiotas que sugam o nosso povo e nossa economia. Talvez por isso eu tenha tanta admiração pelo Senador mineiro José Alencar, meu vice. Um dos maiores e mais sérios empresários do Brasil, que lutou e venceu de forma independente e que hoje exporta 50% de sua produção, trazendo divisas e gerando nas suas fábricas mais de 16 mil empregos diretos. É importante que você pense bem nisso, pois o futuro que você quer para o nosso país passa neste momento pela coragem de mudar. Quero que todo homem e toda mulher, ao me dar oportunidade para a qual tanto me preparei, tenham clareza de que estarão dando a si próprios a chance de fazer valer, finalmente neste país, as palavras justiça e oportunidade (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 20/08/2002).

No trecho a seguir, Lula apresenta sua posição em relação à estrutura política e às decisões tomadas pelo governo anterior, indicando uma posição mais amena em relação as suas campanhas eleitorais anteriores. Nesta passagem, mais uma vez fica evidenciada a posição

de resposta às afirmações críticas feitas no programa eleitoral do candidato peessedebista. Vejamos:

LULA: Em primeiro lugar, quero garantir a todo povo brasileiro, se eleito presidente, o meu governo será um governo de paz, responsabilidade e diálogo, como nunca se viu antes nesse país. Sempre acreditei que tudo fica mais fácil de ser resolvido quando as pessoas sentam em volta de uma mesa dispostas a encontrar soluções de maneira franca e, sobretudo, sincera e leal. Sei fazer isso como poucos, porque fiz isso a vida inteira. Quero fazer um governo de união nacional, sem mágoas e sem rancores. Tenho muito orgulho do PT, partido que criei com inesquecíveis companheiros, há 22 anos. Mas tenho clareza de que se eleito, serei o presidente de todos os brasileiros. E quero governar com todas as forças políticas da sociedade que querem ajudar a construir um Brasil decente e mais feliz. Quero ser o presidente que vai ser duro e firme nos momentos necessários. Mas quero ser, sobretudo, um presidente compreensivo, generoso e justo. Como tenho afirmado durante toda essa campanha, vamos honrar todos os compromissos assumidos pelo governo brasileiro. Vamos manter a inflação sob controle, e as metas do superávit primário que forem necessárias. Mas temos que mudar essa política econômica perversa que paralisou nossa economia, aumentou nossa dependência externa, fragilizou as nossas empresas causando o maior desemprego da nossa história, e a menor taxa de crescimento dos últimos 50 anos. Precisamos fazer uma reforma tributária justa, cobrando menos impostos de quem trabalha e produz. Temos que retomar o crescimento econômico. Reduzir as taxas de juros. E nesse momento de crise, concentrar o máximo de esforços para aumentar as exportações. Vamos ter que lutar muito, mas vamos tirar o país dessa crise, tenha certeza disso (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 22/10/2002/ST).

No excerto transcrito, Lula apresenta diversos sentidos em relação ao momento “política da esperança no novo modelo”, passando pela ideia de governo da paz, responsável e de união nacional, chegando à afirmação de que se eleito será um presidente de todos os brasileiros. Isso colocado, o candidato petista afirma categoricamente que

se eleito irá cumprir os compromissos assumidos pelo governo brasileiro (durante o governo de FHC), irá controlar a inflação e manter as metas de *superávit*. No entanto, mesmo que isso seja uma resposta ao “mercado investidor”, indicando sua posição, Lula volta a apresentar a necessidade de mudar a política econômica, caracterizada em sua fala como um modelo que “paralisou nossa economia”. Além disso, referindo-se às estruturas econômicas, o candidato do PT afirma que irá realizar uma reforma tributária e irá aumentar a exportação.

Relacionado a isso está a resposta à “política do medo”, um sentido construído pela candidatura do PSDB em torno de Lula. Vejamos o excerto a seguir:

LOCUTOR: Pois é, os ataques do Serra ao Lula desagradaram a tanta gente, que até um dos maiores empresários desse país resolveu mudar o seu voto. Estamos falando de Eugênio Staub, o dono da Gradiente.

EUGÊNIO STAUB: Até recentemente eu acreditava que era um candidato mais técnico o que nós precisávamos, hoje eu tenho certeza que nós precisamos de um político. De alguém capaz de unir o país, capaz de estabelecer planejamento, propostas, juntar todo mundo em torno da realização delas. Esse candidato é o Lula (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 21/09/2002).

A passagem apresentando a fala do empresário Eugênio Staub indica duas coisas. Primeiramente, pois se trata de um empresário, a representação do apoio desse grupo à candidatura petista. Um segundo ponto é a afirmação de que Lula se apresenta como mais capacitado para governar o país. Sem medo de votar em Lula é a mensagem deixada pelo empresário Antônio Russo Neto.

ANTÔNIO RUSSO NETO (Vice-Presidente da Associação Brasileira de Indústrias Exportadoras de Carne): No princípio Lula, Lula, Lula. Eu nunca votei no Lula, então, mas agora, eu achei que não

dá medo não, não dá não. Eu estou confiante que será uma nova descoberta para o país. O país vai se surpreender. A agropecuária vai se surpreender com o Lula. (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 21/09/2002).

Respondendo à “política do medo”, a atriz Paloma Duarte afirma o seguinte:

PALOMA DUARTE: Eu estava ontem à noite em casa, com meu Marido Marcos, e a gente estava assistindo o programa eleitoral do José Serra. Há muito tempo eu não me sentia tão revoltada. Eu me senti desrespeitada. Eu me senti violentada como cidadã brasileira, como eleitora. Veja bem, eu não estou aqui pra falar mal de ninguém. Eu vim aqui registrar o meu protesto. Eu procurei o pessoal do Lula e pedi pra vir aqui fazer este depoimento. Pra dizer o quanto eu estou chocada com o uso do terrorismo, com o uso do medo numa campanha para presidente da república do meu país. Será que já não basta o medo que o Brasil vive no seu dia-dia. O medo de você sair na rua e ser assaltado. O medo de milhões de brasileiros desempregados que não sabem como sustentar suas famílias. O medo de você morrer doente na fila de um hospital público. A eleição vai passar, o Brasil continua. E eu quero dizer que um candidato que precisa aterrorizar a população brasileira ao invés de se calcar nas suas próprias virtudes pra tentar se eleger, não merece o meu respeito, não merece a minha confiança. E, no meu entender, não mereceria jamais ser presidente da república (Programa Eleitoral Lula/PT, HGPE, 18/10/2002/ST).

O sentido “contra o terrorismo eleitoral” apresentado na fala de Paloma Duarte, aliado ao sentido de não ter medo de votar em Lula, identificado na fala de Antônio Russo Neto, sistematizam parte do momento “política da esperança no novo modelo”, sem deixar de levar em conta a ideia de um novo projeto.

Na *Figura 7* podemos verificar a sistematização e a articulação entre os momentos discursivos identificados na candidatura petista.

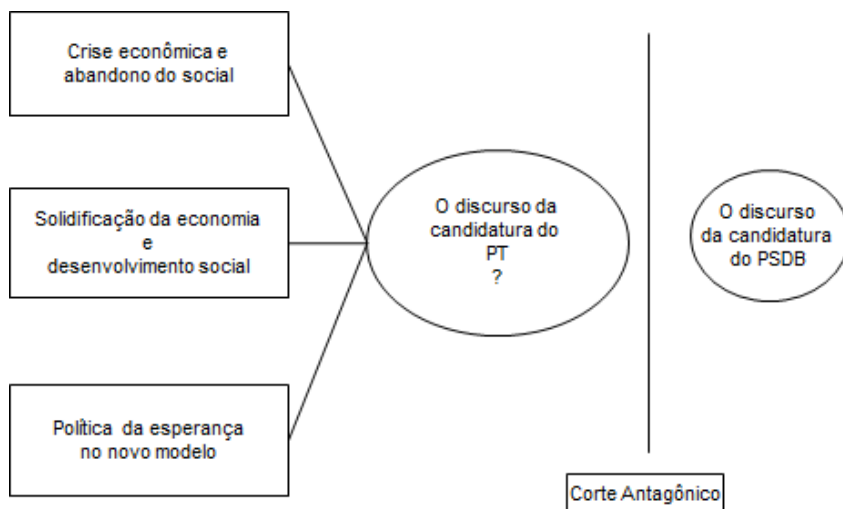


Figura 7: Formação do discurso da candidatura do PT nas eleições de 2002 – momentos “crise econômica e abandono do social”, “solidificação da economia e desenvolvimento social” e “política da esperança no novo modelo”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

### *Emprego e Desenvolvimento: Um Novo Plano Econômico*

Os sentidos sobre emprego e desenvolvimento relacionados com um novo plano econômico permearam grande parte dos programas eleitorais da candidatura do PT na eleição de 2002, e formaram o ponto nodal do discurso antagônico ao da candidatura do PSDB. Ficou evidenciada nessas duas seções a relação antagônica entre os partidos que se instituiu a partir das disputas de sentidos em torno do plano econômico e de desenvolvimento. A relação entre os sentidos que constituíram os momentos “crise econômica e abandono do social”, “solidificação da economia e abandono do social” e “política da esperança no novo modelo” condensaram o discurso “emprego e



desenvolvimento: um novo plano econômico”, como pode ser visto na *Figura 8*.

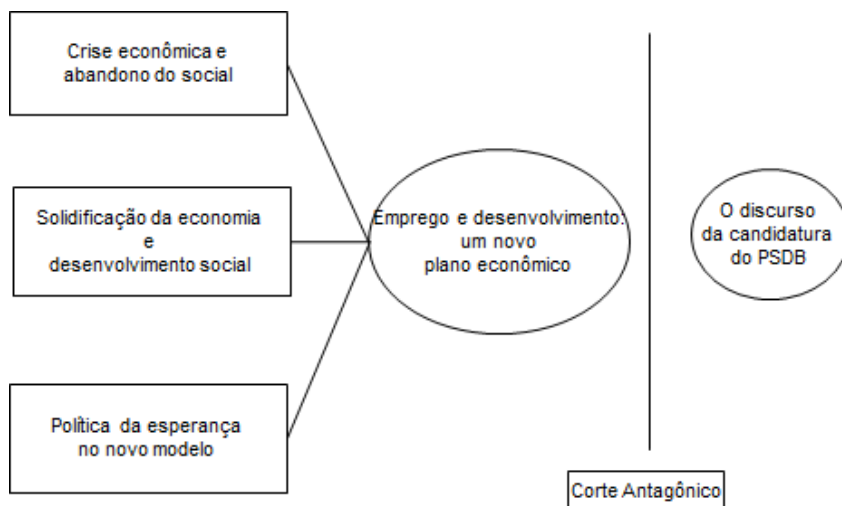


Figura 8: Discurso da candidatura de Lula do PT em 2002.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

## Conclusões

A teoria política contemporânea em geral, e em particular as teorias da democracia que se colocam numa perspectiva crítica, atualmente tem buscado resgatar a dimensão do conflito político como inerente às relações que constituem os espaços da sociedade – os espaços do social, como preferem alguns laclauianos. No entanto, muitas vezes esbarram em elementos normativos e não avançam em questões que envolvam as desigualdades que são reproduzidas em modelos democráticos, nem mesmo questionando tais problemas, como é o caso de Chantal Mouffe (1999 [1993], 2003 [2000], 2005, 2013, 2015

[2005])<sup>7</sup>. Em virtude disso, o conceito de antagonismo, desenvolvido por Laclau e pela própria Mouffe, ilumina novas possibilidades em se tratando de conflitos políticos emergentes em modelos democráticos e permeando sua normatividade e institucionalidade.

No que se refere ao HGPE, o conceito de antagonismo dos autores tratados nesse artigo possibilita um renovado olhar sobre a disputa política contida nesse espaço e entre as candidaturas concorrentes a cargos majoritários. Sua relevância nessa área pode ser evidenciada pelo caráter desconstrutivista entre as candidaturas aqui tratadas, o que pode ser mais uma variável explicativa do voto por parte do eleitor.

De fato, existem outras variáveis, tão ou mais objetivas, que buscam explicar a tomada de decisão do eleitor; seu voto. No entanto, acreditamos e defendemos que os aspectos apontados nesse artigo, bem como a amostra dos discursos antagonicamente instituídos, servem tanto de reflexão sobre o papel do HGPE no que se refere à formação da vontade por parte do eleitorado, como sua importância para o pleito eleitoral e as estratégias de desconstrução usadas pelas candidaturas.

Quadro 1 – Os sentidos discursivos de 2002 comparados.

OS DISCURSOS ANTAGÔNICOS EM 2002	
PT	PSDB
Emprego e Desenvolvimento: um novo plano econômico	Emprego e Desenvolvimento: o realinhamento do plano econômico

7. Além da autora, ver Mendonça (2003; 2010), Miguel (2014) e Freitas (2019 – no prelo).

<p>1) Crise econômica e o abandono do social: Atual modelo econômico esgotado; país endividado e menos produtivo; falta de trabalho fez cair a renda e o consumo; falta de produção leva ao desemprego; economia paralisada; proposta de um novo modelo; novo contrato social (governo, empresários e trabalhadores).</p>	<p>1) Mudanças positivas e proposta de avanço: FHC derrubou a inflação e arrumou a economia; Serra vai cuidar do social; Serra vai cuidar do emprego (Projeto Segunda-Feira); a mudança é emprego e desenvolvimento; incentivo para exportação; exportação gera mais emprego e traz mais dólares; o emprego é a maior mudança e é a maior medida social e contra a crise.</p>
<p>2) Solidificação da economia e desenvolvimento social: Retomada do crescimento econômico; primeiro emprego (experiência); incentivo para as empresas contratarem; grande pacto social (começo de uma nova relação entre governo, empresários e trabalhadores); estimular e aumentar a produção; novas leis trabalhistas; incentivos fiscais; linha de crédito e financiamento; redução de impostos; política de combate à fome.</p>	<p>2) Mudanças negativas no PT (Lula) e no governo petista: Preparo de Serra e despreparo de Lula; Lula era contra o Plano Real; Lula não tem proposta clara para geração de emprego; lulinha paz e amor para ganhar as eleições; PT radical; retórica e campanha oportunista e eleitoreira; esconde sua posição da sociedade; dois discursos do PT e de Lula; o PT e o Lula mentem para o povo; estelionato eleitoral ou ruína.</p>

<p>3) Política da esperança do novo modelo: Grande pacto social (governo, empresários e trabalhadores); governo da paz, responsável e de união nacional; cumprir os compromissos assumidos pelo governo anterior; controlar a inflação; manter as metas de superávit; mudar a política econômica que paralisou a economia; fazer uma reforma tributária; aumentar a exportação; incentivo e aliança com os empresários; aumentar a produção e diminuir a especulação; conversas com empresários e sindicalistas; aproximar empresários e trabalhadores; mudar o atual modelo econômico; crítica à criação de ambiente de terror em relação à eleição; apoio de empresários; sem medo de votar em Lula; contra o terrorismo eleitoral.</p>	<p>3) Política do medo na mudança e na continuidade: Falta de qualificação de Lula; Lula não tem experiência administrativa; Lula e o PT são uma interrogação; promessas contraditórias; incertezas de um governo petista; medo de perder a estabilidade; medo de Lula; medo da volta da inflação; medo da censura, do patrulhamento, da instabilidade e da inflação; medo do retrocesso; instabilidade e desemprego; falta de apoio dos empresários.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002; 2006).

Buscamos evidenciar neste artigo que o conflito emergente dentro de instituições democráticas (ou que compõem o sistema democrático, como é o caso do HGPE) indica um caminho mais profícuo sobre o que se entende por democracia e suas instituições. Partindo do entendimento de antagonismo como constituidor da relação política, e com base nos pronunciamentos contidos nos programas eleitorais das candidaturas do PSDB e do PT na eleição de 2002 veiculados no HGPE, foram identificadas regularidades de elementos que indicavam dispu-

tas por sentidos e geravam sentidos antagônicos em relação ao plano econômico e seu reflexo na geração de emprego e desenvolvimento, como sistematizados no quadro 1.

Portanto, a articulação dos momentos em torno do discurso “emprego e desenvolvimento: um novo modelo econômico” apresentou sentidos antagonicamente constituídos em relação ao discurso da candidatura peessedebista, “emprego e desenvolvimento: o realinhamento do plano econômico”, como podemos verificar na *Figura 9*.

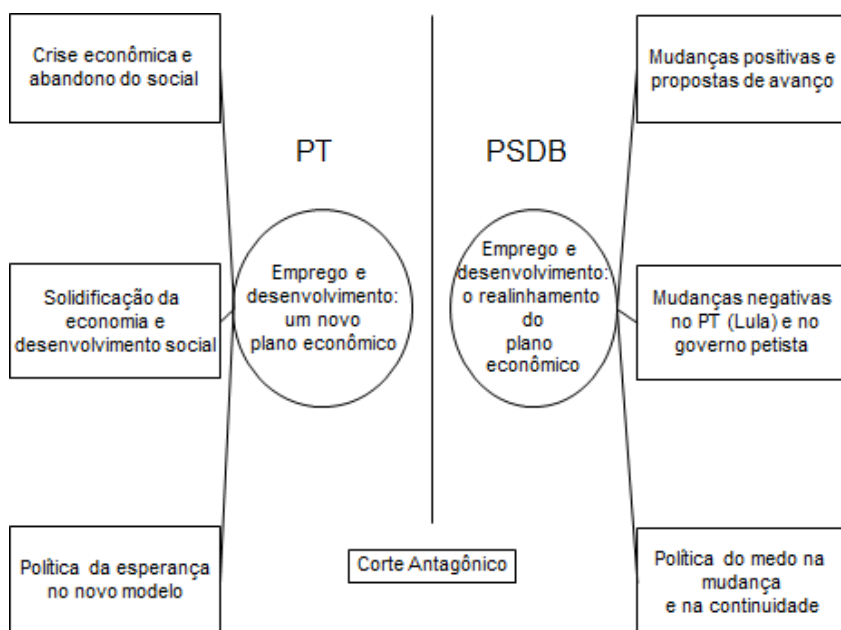


Figura 9: Discursos antagônicos em 2002.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos programas veiculados no HGPE (2002).

## Referências

ALBUQUERQUE, Afonso. Política versus televisão: o horário gratuito na campanha presidencial de 1994. *Comunicação e Política*, Rio de Janeiro, n.

3, p. 49-54, abr./jun. 1995.

\_\_\_\_\_. *A Batalha pela Presidência: O Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na Campanha de 1989*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

AMARAL, Oswaldo. *A estrela não é mais vermelha: as mudanças no programa petista nos anos 90*. São Paulo: Garçon, 2003.

ARUGUETE, Natália. Los medios de comunicación y la formación de la agenda pública, *Verso e Reverso*, São Leopoldo, n. 41, p. 73-98, abr. 2005.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Meios de Comunicação, Voto e Conflito Político no Brasil, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 81, p. 77-95, fev. 2013.

BORBA, Felipe. Propaganda negativa nas eleições presidenciais brasileiras, *Opinião Pública*, Campinas, n. 2, p. 268-295, ago, 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2016.

CERVI, Emerson; MASSUCHIN, Michele; TAVARES, Camila. Agenda da mídia, dos políticos e do público na campanha eleitoral de 2010. *Revista Debates*, Porto Alegre, n. 1, p. 237-261, abr. 2012.

COLLETTI, Lúcio. Marxism and the dialectic. *New Left Review*, London, n. 93, p. 3-29, set./out. 1975.

DIAS, Márcia. Nas brumas do HGPE: a imagem partidária nas campanhas presidenciais brasileiras (1989 a 2010). *Opinião Pública*, Campinas, n. 1, p. 198-219, abr. 2013.

FREITAS, Felipe Corral. O Primeiro grande antagonismo entre PSDB e PT. *Revista Opinião Pública*, Campinas, n. 3, p. 547-595, set/dez. 2018.

\_\_\_\_\_. As perspectivas do conflito na teoria do discurso de Laclau e Mouffe In: MENDONÇA, D.; RODRIGUES, L.; LINHARES, B. (org.). *A teoria do discurso de Ernesto Laclau* (Título Provisório). São Paulo: Intermeios, 2019 – no prelo.

GARCIA, Ciro. *PT: de oposição à sustentação da ordem*. 2. Ed. Rio de Janeiro: achiamé, 2012.

GUIOT, André. *Um “moderno Príncipe” para a burguesia brasileira: o*

PSDB (1988 – 2002). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2006.

LACLAU, Ernesto. *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. 2ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000 [1990].

\_\_\_\_\_. *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011 [1996].

\_\_\_\_\_, Ernesto. *A Razão Populista*. São Paulo, Três Estrelas, 2013 [2005].

\_\_\_\_\_, Ernesto. *Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014 [2014].

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq. 2015 [1985].

LATTMAN-WELTMAN, Fernando *et al.* *A imprensa faz e desfaz um presidente: o papel da imprensa na ascensão e queda de Fernando Collor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LOURENÇO, Cláudio. Propaganda negativa: ataque *versus* votos nas eleições presidenciais de 2002, *Opinião Pública*, Campinas, n. 1, p. 133-158, abr. 2009.

MACHADO, Mônica. A retórica da reeleição: mapeando os discursos dos Programas Eleitorais (HGPE) em 1998 e 2006. *Opinião Pública*, Campinas, n. 1, p. 159-189, abr. 2009.

MENDONÇA, Daniel. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, n. 1, p. 135-145, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, Porto Alegre, n. 3, p. 249-258, set/dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Teorizando o agonismo: crítica a um modelo incompleto. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, n. 3, p. 479-497, dez. 2010.

MIGUEL, Luis Felipe. Mídia e manipulação política no Brasil: a Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 a 1998. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 119-38, ago, 1999.

\_\_\_\_\_. *Mito e discurso político: uma análise a partir da campanha eleitoral brasileira de 1994*. Campinas: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_. Os meios de comunicação e a prática política. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 55-56, p. 155-184, dez, 2002.

\_\_\_\_\_. Eleições, opinião pública e mídia: reflexões a partir das eleições brasileiras de 2002. *Política & Sociedade*, Florianópolis, n 2, p. 41-66, abr. 2003.

\_\_\_\_\_. Discursos Cruzados: telenoticiário, HGPE e a construção da agenda eleitoral. *Sociologias*. Porto Alegre, n. 11, p. 238-258, juh. 2004a.

\_\_\_\_\_. Mídia e vínculo eleitoral: a literatura internacional e o caso brasileiro. *Opinião Pública*. Campinas, n. 1, p. 91-111, mai. 2004b.

\_\_\_\_\_. Consenso e conflito na teoria democrática: para além do “agonismo”. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 92, p. 13-43, dez, 2014.

MOUFFE, Chantal. *El retorno de lo político*. Brcelona: Paidós, 1999 [1993].

\_\_\_\_\_. *La paradoja democrática*. Gedisa, Barcelona, 2003 [2000].

\_\_\_\_\_. Por um modelo agonístico de democracia. *Revista Sociologia Política*, Curitiba n. 25, p. 11-23, nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Agonistics: thinking the world politically*. London: Verso, 2013.

\_\_\_\_\_. *Sobre o político*. São Paulo: Martins Fontes, 2015 [2005].

PROGRAMA DO PSDB. Programa Partidário do Partido da Social Democracia Brasileira. [online]. <http://www.psdb.org.br>. Acesso em 02 de dezembro de 2016, 2002.

ROMA, Celso. A institucionalização do PSDB entre 1988 e 1999. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 49, p. 71-92, jun. 2002.

RUBIM, Antonio. Política em Tempos de Mídia: impressões de crises In: PEREIRA, C. A. M.; FAUSTO NETO, A. (org.). *Comunicação e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993, p. 149-168.

VITULLO, Gabriel. O lugar do conflito na teoria democrática contemporânea. *Tomo*, São Cristóvão, n. 10, p. 59-83, jun. 2007.



**Resumo:**

A teoria política contemporânea crítica tem buscado, por caminhos diferentes, resgatar a dimensão do conflito. No entanto, tais evidências do conflito em estudos empíricos ainda se mostram tímidas. Nesse sentido, o conceito de antagonismo desenvolvido por Laclau e Mouffe se mostra como alternativa renovada para isso. No que se refere aos estudos que abordam o HGPE, tirando poucos trabalhos atuais, ainda é dada pouca atenção a esse tipo de relação, que entendemos ser mais um elemento relevante no processo eleitoral, visto seu caráter desconstrutivista. Assim, o objetivo desse artigo consiste em demonstrar a construção antagonônica entre os discursos produzidos pelas candidaturas de PSDB e PT realizados durante o HGPE veiculados pela televisão na eleição presidencial de 2002, que acabou colocando o plano econômico como o ponto nodal desse conflito. Para isso, serão utilizados os aspectos teóricos e metodológicos da teoria do discurso de Laclau e Mouffe.

**Palavras-chave:** antagonismo; conflito; HGPE; PSDB; PT.

**Abstract:**

Critical contemporary political theory has sought, through different paths, to rescue the dimension of conflict. However, such evidence of conflict in empirical studies is still timid. In this sense, the concept of antagonism developed by Laclau and Mouffe appears as a renewed alternative for this. Regarding the studies that approach the HGPE, taking few current works, little attention is paid to this type of relationship, which we consider to be a more relevant element in the electoral process, given its deconstructive character. Thus, the objective of this article is to demonstrate the antagonistic construction between the speeches produced by the PSDB and PT candidacies made during the HGPE broadcast by the television in the presidential election of 2002, which ended up putting the Economic Plan as the nodal point of this conflict. For this, the theoretical and methodological aspects of Laclau and Mouffe's discourse theory will be used.

**Keywords:** antagonism; conflict; HGPE; PSDB; PT.

Recebido para publicação em 20/08/2018.

Aceito em 25/09/2018.